

**É DE PEQUENO QUE
SE "DESTORCE" O PEPINO:
Em busca de uma Educação Infantil
para os Direitos Humanos**

Patrícia de Abreu Albino Almeida
patriciaaaalmeida80@gmail.com

Pedagoga. Atua na Educação Infantil há 12 anos.

*“Minhoca, minhoca me dá uma beijoca,
Não dou, não dou, então eu vou roubar!
Minhoco, minhoco você é muito louco,
Beijou o lado errado, a boca é do outro lado!”*

Em meu percurso pela educação infantil me deparei com inúmeras experiências compostas por canções, danças e histórias. Embora sejam tratadas com naturalidade pelos colegas, algumas me tocaram com estranheza pois ofereciam às crianças conteúdos que me pareciam um tanto inadequados, em destaque aqueles reforçadores da lógica machista vigente em nossa sociedade.

Enquanto professora implicada no aprendizado de crianças na fase da educação infantil e encontrando eco nas atuais discussões sobre machismo e seus efeitos tóxicos sobre a saúde e o social de mulheres e homens, senti-me convocada a atuar sobre esse tema com minhas crianças. "Ah, mas criança é despida de todo e qualquer preconceito", essa é a frase que mais escutava e ainda escuto como justificativa para que não se trabalhe essas questões em sala de aula com crianças tão pequenas.

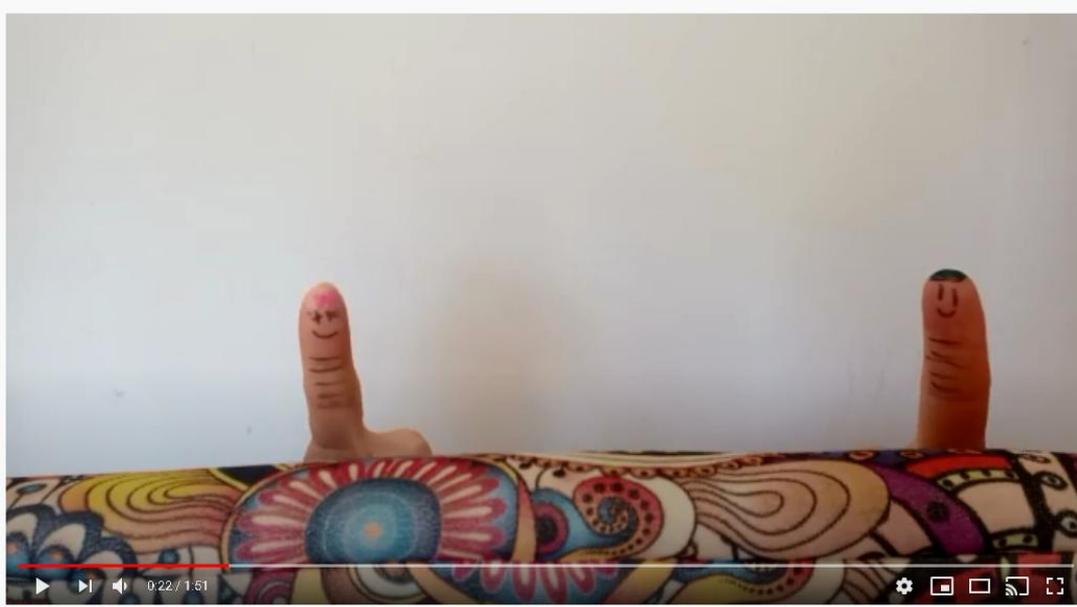
Na contramão a essa resistência, acredito na possibilidade de uma Educação Infantil para os Direitos Humanos, a qual pode ser oferecida às crianças de maneira apropriada a seu desenvolvimento. Destaco uma música infantil de domínio público. Nela, o *minhoco* quer a todo custo beijar a *minhoca*, mesmo ela dizendo não. Em uma versão mais atualizada ocorre ao contrário. Na recusa do pedido o minhoco entende que não pode ter aquilo conforme seu desejo, tampouco pelo uso da força. Não preciso dizer o quanto isso é significativo, em termos de desenvolvimento cognitivo-emocional, no sentido da criança perceber o limite do outro e de seu desejo, ou seja, NÃO é NÃO.

*“Minhoca, minhoca me dá uma beijoca,
Não dou, não dou, então eu vou RESPEITAR
Minhoco, minhoco você é um bom moço, me sinto respeitada, meu muito obrigada”.*

Tenho que dizer que não sou a autora dessa nova versão, mas me apropriei de sua lógica desconstrutiva em minha prática de trabalho. Tenho buscado imprimir essa ideia em minhas atividades, desde a aquisição de conteúdos e preparação das aulas, até as conversas informais com crianças e colegas de trabalho.

Acredito que a escola, desde a educação voltada a primeira infância, pode ser uma ferramenta de mudança social, de desconstrução da ideia de uma suposta submissão feminina frente ao desejo do homem, e de enfrentamento ao tóxico embrutecimento dos meninos, o qual cerceia-os da livre expressão de suas emoções. Como uma espécie de sementinha, a Educação Infantil para os Direitos Humanos poderá florescer na criança enquanto adolescente e adulto. Quem sabe, assim, poderemos encontrar no futuro um cenário menos violento e sofrido para mulheres e homens. Para além do respeito à mulher e da desconstrução do machismo, outros temas são urgentes, como a diversidade sexual, racial, cultural e religiosa de nossa sociedade, assuntos infelizmente considerados tabu na educação infantil, mas extremamente necessários, afinal, é de pequeno que se "destorce" o pepino!

Aproveito para deixar duas referências que considero de suma importância para quem se atrever nessa desconstrução: "O Menino e a Flor", livro de Célia Silva e Daniel Cabral, e "O homem subjulgado: O dilema das masculinidades no mundo contemporâneo", de Malvina Muszkat.



Clique para assistir o teatro de dedinhos encenado pela Profª Patrícia.

COMO CITAR ESTE TEXTO

Almeida, P.A.A. (2020) É de pequeno que se "destorce" o pepino: em busca de uma Educação Infantil para os Direitos Humanos. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 12 (2), 39-44.

RECEBIDO: 05/10/2020.
APROVADO:10/11/2020